

Os Ladrões de Casaca

NO RIO DE JANEIRO.

Aos nossos assignantes.

Rogamos aos Srs. assignantes que não receberem pontualmente os *Ladrões de Casaca*, o favor de enviarem suas reclamações á nossa typographia.

Tanto recommendamos a leitura do ROMANCE HISTORICO que publicamos, que não relevaremos a menor falta na entrega das folhas.

O jornalismo no Brasil.

A imprensa brasileira vae definhando de dia para dia, á mingua de protectores, que dedicados ao seu progresso espalhem a luz no seio das trevas, que a ignorancia envolvem com o seu denso véo.

A imprensa definha, o jornalismo baqueia, mas a corrupção cria raizes profundas, em quanto as idéas embrutecidas de qualquer estúpido que traz uma commenda no peito da casaca se expõem ante a leitura do *Jornal do Commercio*, taboleta de annuncios de toda a especie, pelourinho erguido sobre columnas de chumbo, padrão infamante exposto aos olhos da donzella a mais casta, da meretriz a mais impudica!

Desde a tasca immunda, antro nojento da crapula, até o salão alcatifado do palacio, o *Jornal do Commercio* se expõe triumphante, quer sobre o encebado balcão, quer na *chaise longue* do aristocrata. A immoralidade exposta em toda a sua nudez se patenteia á criança que soletra uma por uma as palavras e que interroga seus paes qual o sentido dellas, ao devasso, que nas horas que succedem as da crapula ri cynicamente das obscenidades que encontra neste pasquim!

E entretanto a mocidade brasileira, cheia de vida e de intelligencia não pode erguer-se para exprimir a sua inspiração, mal pode ensaiar um debil vôo no espaço, porque enfraquece ao peso da descrença, debilita-se ante o mutismo da indiferença! Vergonha para o paiz é esta, porque o *francezismo* hade sempre dominar em todas as nossas cousas, emquanto que a producção nacional é calcada aos pés e vilmente escarnecida!

E' tempo que o povo conheça quão errada é a senda que vae transpondo, cumpre que elle se convença que não é o *Jornal do Commercio* o unico que merece acceitação e prosperidade. O *Jornal do Commercio* órgão de interesses particulares recebe em seu balcão a *seis vintens por linha* a accusação infundada contra o funcionario distincto, e quem possui dez mil reis para pagar a um *testa de ferro* pode ferir na sombra á victima incauta, porque o pelourinho alli está erguido a quem mais paga!

E ao periodico que em pequeno formato tracta dos interesses do seu paiz, por que daes-lhe o nome de *papeluchos*, quando é por meio delles que a verdade não appareco desfigurada, que o melhoramento do paiz se opera, que a nossa legislação é devidamente interpretada e justiceiramente executada!

E entretanto ai de nós que ousamos possuirmos-nos de tanta ousadia, porque alli está o papelão do *commercio* para nos fazer face, porque não diffamamos como elle, porque não pactuamos com tanta infamia.

Quando o redactor de um periodico dirigir-se aos habitantes do Rio de Janeiro, pedindo-lhes protecção para a sua folha, e esta não lhe for negada a pretexto de que são assignantes do *Jornal do Commercio*, então poderemos dizer que a época da prosperidade do nosso paiz é chegada, porque a luz terá dissipado as trevas, o dia terá substituido a noite.

Porém enquanto este fanatismo perdurar, ai de vós ó povo que vos encaminhaes ao precipicio da vossa ruína!

ROMANCE HISTORICO

Balcão Baralho e Brazão

OU

As proezas dos ladrões de casaca

POR

R. B.

(Continuação do numero 6)

VIII.

— Oh! titio, dizia D. Minervina, como o senhor foi mau para nós! Passar tantos annos sem nos ver?

— E sem ao menos escrever á mamãe! disse D. Carolina.

— E sem se lembrar que eramos suas sobrinhas! disse D. Paulina.

— E chegar agora depois que papai é fallecido! acrescentou D. Hortencia.

— Ingrato.

— Mau.

— Feio.

— Alfacinha.

E o Sr. *Adriano de Sampaio* recebeu consecutivamente quatro beijinhos na testa.

O Siqueira estava sobre brasas; mas assim mesmo lambeu os beijos e disse:

— Sim, sim, fui um pedaço d'asno. Vivi lá na terra como um pedante quando podia viver aqui no Brasil ao lado de minhas lindas brasileirinhas.

E cingio as que pôde com um só abraço para não perder tempo e representar o papel de tio amoroso e condescendente.

Depois voltando-se para D. Floribella.

— Perdão, minha senhora, disse elle; mas estes amores são cordas do coração. Foi bastante vê-las para logo lhes querer bem.

— Não ha de que, *meu nobre estrangeiro*, sou em demasia sensível á ternura, e muito aprecio esses afagos de familia, respondeu D. Florisbella lançando para o falso Adriano um insinuante.

— Cheguei hoje, minha senhora, e estou travando conhecimentos.

— Eu desde já, como amiga intima da casa, muito estimorei si V. S. aceitar a amizade franca e decidida de meu irmão o Dr. Cotindyba

— Oh! eu o-conheço!

— Como? V. S. o conhece?

O Siqueira que se ia compromettendo, appressou-se em dizer

— Sim, senhora, pelos periodicos do Brazil que eu lia em minha terra. Não é elle medico homœopathico?

— Exatamente! disse D. Florisbella exthasiada. Que feliz memoria tem V. S.!

— E' assim que V. Ex. me hade muitas vezes ouvir fallar com perfeito conhecimento do Rio de Janeiro, sendo entretanto esta a primeira vez em que aporço ás suas praias.

— Entretanto, titio, disse D. Hortencia, foi preciso que o Sr. Commendador lhe ensinasse a nossa casa.

— Minha rethorica, então a *mana* se annunciava pelos periodicos?

— E' verdade, disse D. Paulina, mamãe não é medico homœopatha.

— E vocês ainda não se lembraram que titio é velho, fez uma longa viagem por mar, e que precisa repousar a cabeça atordoadada pelos balanços do navio.

— Bem, vamos cuidar disso, disse D. Carolina. Titio é ralhador, Paulina!

— Sou um tio rabugento, minha cravina; mas desde já vos prometto que hei de ser-te um segundo pai.

— E á nós? perguntaram as outras.

— Sem excepção, minhas feiteceiras. Vocês gostam de bailes, de theatros? Creio que aqui no Rio de Janeiro ha bailes e theatros...

— Oh! de certo! disse D. Florisbella suspirando. Mas os seus amorzinhos não gostam desses divertimentos. Sua mana sim, essa tem bom gosto.

— O aposento do Sr. Adriano está prompto disse Faustina se aproximando.

— Venha meu tio; disse Paulina.

O Sr. Adriano ergueu-se e dirigio-se para o seu novo aposento em cuja porta sua sobrinha o deixou e retirou-se, depois de receber um abraço e um beijo do agradecido tio, que protestou não perder tempo e se fazer querido.

IX.

A pequena guarda de Botafogo ainda não havia sido rendida ás 8 horas da manhã.

Marciano montado em um soberbo trotador e com a libré de lacaio, corria á redea solta por aquellas paragens aproveitando de um instante em que mestre Leandro o mandara levar o importe de um carro á um segeiro no Cattete.

O fiel criado como dissemos, teve um presentimento, e guiado por esse pensamento rapido, corria para á Copacabana para onde o guiava o seu devotamento e sua gratidão.

Tão veloz corria o seu cavallo, tão preocupado ia o seu cavalleiro que ao approximar-se do corpo da guarda passou rente com um pedestre e seu joelho atirou de pernas ao ar o misero transeunte, que, ao cahir fracturou a cabeça de encontro á uma pedra.

Mas o pedestre levantou-se rapido e lavado em sangue gritou:

— Cêrca! Cêrca! Pega ladrão!

Marciano fustigou ainda mais o seu cavallo.

Mas do corpo da guarda sahiram-lhe-á frente quatro soldados, e elle sugiou o possante animal.

— Estaes preso! bradou-lhe um cabo de esquadra.

— Camarada, disse-lhe Marciano não foi culpa minha.

— Não importa. Venha fallar com o Sr. Cadete.

Marciano apeiou-se, e dirigio-se para o corpo da guarda.

O pedestre chegou lavado em sangue e deu a sua queixa formal.

A guarda de Botafogo era quasi sempre commandada por um sargento, mas na vespera em falta de um official inferior desse posto o ajudante do batalhão de Artilharia a pé teve de nomear um taete interinamente para esse serviço.

Ora este commandante era o nosso conhecido o Sr. Beraldo Bernardino do Monte Visuvio, cadete do regimento de Artilharia á cavallo, com licença na côrte e agregado ao 1.º batalhão de Artilharia á pé.

(Continúa.)

A PEDIDOS

Caixa de Soccorros de D. Pedro V.

A humanidade tem direitos tão sagrados ao devotamento de cada um dos membros de sua unica e incalculavel familia, que basta pronunciar-se a palavra — caridade — para que milhares de proselytos abracem a causa que sob tal titulo se annuncia.

O que custava pois ingendrar-se, com a mira na especulação, e das especulações nas honras, no dinheiro e na ganancia, uma sociedade humanitaria disposta a soccorrer irmãos desvallidos, a matar a fome de centenaes de familias, a curar os enfermos, educar a infancia, e remover para os patrios lares aquelles que ambicionarem respirar as auras da terra em que nasceu?

Nada, por que a empresa era facilima, e o engôdo provavel.

Instituio-se pois nesta côrte a *caixa de soccorros de D. Pedro V.*; caixa sob as proporções de *caixão* e que dentro em pouco tempo se repleto do ouro dos incautos.

A efervescencia subio de ponto, o *caixão* abrangeo o Imperio todo, teve filhos criou-os com o mesmo leite, deu-lhes o gráo de *caixotão*, e assim contaminou-se essa geração de soccorros, e de caridade supposta, levando de vencida a resistencia dos mais austeros economistas, e as desconfianças dos mais ajuizados pensadores.

Mas o tempo correu, tentou-se a caridade do *caixão*, e o resultado negativo não se fez esperar por muito tempo.

O thesoureiro ataviou-se com uma commenda portugueza...

Uma das miras da instituição estava cumprida, emquanto que o bojudado ventre do *caixão* tinha com que satisfazer as exigencias das outras.

Conseguido assim o resultado favoravel, era mister simular tambem alguns vislumbres de caridade, e não faltou uma meia duzia de mumias, verdadeiros espectros ambulantes, para serem atirados ao tombadilho de um navio de vellas com destino á Portugal.

Mas tal era o estado de saude desses infelizes, que muitos morreram logo ao sahir da barra ainda proximo do Pão d'Assucar, outros ao avistar-se o pharol de cabo Frio e o resto sabe o oceano em que altura guardou os seus cadaveres.

Si os descuidosos viram nisto caridade, aquelles que sabem dar ás cousas o seu verdadeiro nome, chamarão barbaridade, cynismo.

E' facil de comprehender-se que o descarte de uma só vez é menos dispendioso do que o tratamento com a necessidade de casa, medico, botica, dieta, e enfermeiros...

A pia associação pois cumprio as regras de seu pacto fundamental, e seus associados festejaram a descida dos miseros e mesquinhos ás profundezas do abysmo!

Tal é a Caixa de soccorros de D. Pedro V., filha legitima do *Jornal do Commercio* que tanto espalhafato faz em prol da *querida Leonarda*!

A cidade do Rio de Janeiro já foi testemunha de ver esmolando na rua Direita um portugez desfeitoado e bandido pelo *caixão* depois de haver supplicante implorado os seus soccorros! A cidade do Rio de Janeiro sabe de muitas misérias oriundas da tal caridosa instituição, e ella que indignada e surpresa registrava os factos escandalosos, e se ria do *imposam* e *asafamas* do heróe da caridade, vio coroar-se a frente do Sr. Commendador Leonardo Caetano de Araujo, com uma  corôa de louros — e metterem-lhe na mão uma penna cravejada de brilhantes!

Corôa que symbolisa os feitos de um heróe ou de um guerreiro...

Penna que distingue o talento e o saber de um escriptor respeitavel!

E' que o Sr. Commendador é um heroe e um genio jornalístico do *Jornal do Commercio*!

E esses louros, e essa penna custaram quarenta contos de réis aos seus amigos e companheiros do *caixão*!...

E' que *taes serviços* lhes houvera prestado o Sr. Commendador, que quarenta contos de réis foi uma gotta d'agua n'aquelle oceano de lucros sob a protecção dos manes do heroico Pedro V.!

E' que nessa offerta se observou o preceito das Escripturas — « A' quem muito se deu, muito se hade pedir » — e a gratidão dos amigos não podia ser ociosa em um tempo em que não faltam estultos e ximangos que desejem uma corôa de louros!

Já houve um Salomão I, que era filho do rei David: ha poucos dias appareceu nesta côrte um Salomão II. fazendo munificencias em sua coroação: agora temos o Salomão III recentemente coroado, tendo por throno o *caixão* de soccorros, e por sceptro a emprestada seringa do Mal das Vinhas, em substituição da penna dos brilhantes que não era propria para o acto.

Eis o que é a Caixa de Soccorros de D. Pedro V.

Tirai-lhe a corôa, a penna e a commenda, e vede o *zéro* que existe no fundo para soccorro dos infelizes!

Extrahido da « Ordem » de Pernambuco de 26 de Novembro de 1867.

— Chegou a occasião de narrar um facto em que ha alguns mezes toquei de passagem. Caetano Antonio Ferreira, o mais antigo morador da rua das Violas, onde tem estabelecimento commercial na casa n. 96, é um cidadão portuguez d'esses que honram sua patria e a patria que habitam. Sempre servical aos seus compatriotas tem valido a muitos d'elles que aqui tem aportado á aventura, e entre esses recolheu Carlos Antonio Latanzia que vagava pelas ruas enhotado como cão damnado, limpou-o, vestio-o, e deu-lhe trabalho na sua officina de charutos, mal sabendo Caetano que acariciava no seio a vibora que o havia morder! De frente morava o famigerado advogado João Monteiro da

Luz que sempre *amigo de rapazinhos*, inclinou-se a Latanzia, *gostando* d'elle, firmaram-se as *relações* mutuas até o ponto de Latanzia saciar o vicio do charuto do Luz á custa de Caetano, e já querendo impor de grande cousa, prometter arranjar do governo portugez uma commenda para o Luz, cousa pela qual este borra-bótas desespera!

Conhecendo Caetano toda essa bandalheira, deu um côrte n'ella, e foi então que vio quanto o seu protegido tinha abusado da sua bondade, pois que Latanzia e seu digno socio Luz o haviam enredado com quasi toda a rua das Violas, e ainda por outras partes, tramoia que elles hiam urdindo á surdina com o fim de roubar, como roubaram a Caetano, que teve de despendar cinco contos de reis, grande parte dos quaes foram repartidos pelos socios Latanzia e Luz, dous idiotas conhecidos, mas cujo idiotismo ainda não lhes chegou ás *unhas*!

Em outra occasião esmiuçarei mais este negocio limitando-me por hoje a fazer as seguintes considerações:

Quando a calumnia, a mentira, e a immoralidade de mãos dadas com a avareza reinam e triumpham da verdade e da justiça em qualquer paiz, a sociedade onde tal acontece, marcha a passos largos para a sua dissolução infallivel, se se lhe não applicar remedios heroicos!

Quando os juizes de um Tribunal do Commercio, para o qual a victima de uma quadrilha de ladrões que a tem roubado a varejo, é é perseguida para ser roubada por atacado, recorre de uma sentença injusta e estúpida do Juiz Commercial, e á vista de juramento consciencioso, provas de cinco testemunhas contestes, e documentos irrecusaveis, esperara obter a justiça que aquelle lhe negára, pelo contrario, recebe uma sentença mais injusta e até barbara, por isso que reformava a primeira que condemnava o embargante na metade do pedido, para aggravar a sua sorte condemnando-o no tresdobro, custas e juros, e isto sem prova do auctor (Latanzia) ao seu falso allegado, do qual só provou ter estado em casa do embargante, faltando-lhe dizer que por este foi recolhido para não morrer á fome e ao relento, e simplesmente baseados em um arbitramento nullo por clandestino, que elles viram, mas que apezar de andarem de oculos e terem quatro olhos, não viram porque, como os peiores cégos, não quizeram ver, que esse pseudo arbitramento não apresentava nenhuma das formalidades exigidas pela lei: não era feito em juizo, nem escripto em papel sellado, não continha a assignatura do juiz, não havia termos de citação do supposto réo para assistir ao acto, nem de juntada aos autos, para a qual tambem não se via requerimento; e finalmente, não sendo os arbitros nomeados pelo juiz e pelo auctor pessoas entendidas ou profissionais, para não incorrer o Juizo no ridiculo de nomear arbitros para uma casa de vender charutos e cigarros um deputado da nação brasileira, um guarda livros ambulante, e um bancarroteiro de folhas de Flandres que nem aos caixeiros, nem ao seu advogado José Julio de Freitas Continho pagou; apesar das suas *carunchosas* patacuadas, todos portanto, alheios ao negocio de que tratavam, e que por isso tiveram de mentir ao juramento que prestaram, assignando de cruz um laudo dictado pelo Monteiro da Luz, empresario da mysteriosa e commandita dos Pilhantes, Garrocho, Vagabundos, e companhia, concordando ao pedido do espadachim Latanzia, cujo salario estipulado de dez mil réis, que nem vale o seu trabalho, pois que não merecia nem o que comia, era elevado a cincoenta mil reis por mez além de todas as despesas, juros, e tudo o mais que aprouve á esses homens *imparciaes*, de quem aliás não era de esperar outra cousa, visto como são *capacidades*, juizes de mão cheia, muitos liberaes do alheio, embora a sociedade os pague generosamente para não serem parciaes e caprichosos, roubando

uma familia para encher a barriga insondavel dos seus dignos compargas, calumniando um ancião e honrado chefe de familia, e um dos mais antigos commerciantes da praça do Rio de Janeiro, que tem prestado serviços ao paiz, e que nunca deixou de cumprir religiosamente os seus tratos quer na praça, quer com os seus famulos, que sempre os tem ajustado segundo seu merecimento, e nunca sahiram de sua casa sem levar saldo, por que elle, tratando-os tambem como pai, impedia-os de gastarem mais do que ganhavam :

Quando estas circumstancias se dão, estava reservado ao infeliz Caetano Ferreira no ultimo quartel da vida, ser publicamente menospresado em relação á um capadocio, apoiado por outros do mesmo jaez, e todos acolhidos benignamente pelo Tribunal do Commercio da capital do Imperio, sobresahindo á frente o excellentissimo calumniador de capa e volta José Baptista Lisboa, que apontando para Caetano, calumniou-o, e ordenou o saque, obrigando-o a pagar em nome da lei, mas não pela lei, quantia avultada que nunca deveu a todos os seus caixeiros nos diversos negocios que tem tido n'esta praça, e para fóra d'ella, tendo Caetano de vêr, pela primeira vez os meirinhos em sua casa para lhe fazerem penhora, não, graças a Deos, para pagar o que devia, e sim para repartir com os ladrões, por ordem da justiça, o seu suor, o da sua familia. o resto do laborioso fructo de 45 annos de assiduo e honesto trabalho que Deos abençoou para os diabos comerem, deixando-lhe apenas, e sabe Deus com que dôr, a honra que herdou dos seus antepassados, e que tem cultivado com esmero, e espera cultiva-la até o tumulo, se mesmo á beira d'este lugar sagrado não a pretenderem roubar os malvados aos quaes tudo serve, tão miseraveis são elles !!

De casaca ou de capella.

E' lastimoso o estado a que está reduzida a *Associação Industrial de Beneficencia*, pela incuria do seu presidente actual, que, não satisfeito de contribuir para sua decadencia, ainda persiste em conservar-se em um lugar do qual se tem tornado menos digno.

Parece incrível que determinando o art. 15 dos estatutos que para o primeiro domingo do mez de Novembro de cada anno sejam convocados os socios para uma reunião em Assembléa geral, desde 1864 não tenha havido um dia determinado para um tal fim, deixando portanto de eleger-se o conselho de 21 membros, e a commissão de contas, de trez socios, segundo ordena o art. 16 § 3º e 4º. !

O balanço que o thesoureiro é obrigado o apresentar trimensalmente, desde Junho de 1866 que não tem submettido ás vistas da commissão deixando portanto o Sr. Presidente de fazer cumprir o disposto no art. 29 § 4º.

E' sabido que existe somma muito superior a de 400\$000 determinada para ser recolhida a uma casa bancaria ou compra de apolices, segundo o artigo 29 § 2º. e entretanto, contra os interesses da associação tem permanecido desde Janeiro deste anno, o dinheiro existente para a compra de quatro apolices que ainda não foi effectuada devido á negligencia do Sr. Presidente.

Existindo na secretaria mais de trezentas propostas para admissão de socios, não são ellas approvadas, porque, como dissemos a falta de reuniões tem impedido que se cumpra com esta clausula, perdendo com isso a sociedade mais de 4:000\$000 !

E entretanto que a um escripturario a quem em sessão do conselho se lhe garantio uma gratificação de 50\$000 afim de promptificar a escripta até Novembro de 1866,

tem se dado esta quantia, não por uma só vez como dissemos a titulo de gratificação, porém mensalmente, esbanjando-se por esta fórma os fundos da sociedade !...

Eis o estado de decadencia em que se acha esta associação que tantas luzes promettia, eis a negligencia arvorando o seu pendão, o genio do mal devastando o que achou de mais esperançoso, eis a ruina eminente de um pedestal que tão desveladamente fôra erguido, e que os seus *consercadores* de hoje deixam á mercê da indiferença exposto aos ventos da adversidade, que elles mesmo sopraram, que elles unicamente originaram !

E até quando contemplarão elles de braços cruzados os vestigios d'aquellas ruinas ?

Alguns socios.

POESIAS

O incendio do Cume.

(Continuação do numero 3)

Eis que apparece um bombeiro,
Com a bomba o Cume réga,
Quanto mais elle trabalha
Mais o fogo ao Cume péga.

Cáe do céo torrentes d'agua,
Que parece horrível praga,
O matto do Cume ensopa
O meio do Cume alaga.

E Marilia enfurecida
O fole no Cume atira,
Com tal força arremessado
Que as bordas do Cume vira.

Ingrata ! não vês que a morte
Tão maldosa ao Cume deste,
Foste tu a causadora
Que nem matto ao Cume reste.

E o bombeiro trabalha
Com afã nisto se occupa
Mas o calor da fogueira
A agua do Cume chupa !

(Continua)

Aos nossos assignantes.

Sem casaca e de rebuço
De chapeo sempre na mão,
Se apresenta aos assignantes
A cordata Redacção.

Cada amigo arranja um outro...
E' favor que nos obriga
Que o impressor desta folha
Sente dores de barriga.

E' por elle que pedimos
Vossa honrada assignatura
Nosso livro vos aguarda
Respeitavel creatura !